

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1123	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	640	120	10 de Março de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	640	120		
Extrangeiro e Índia.....	5\$000	2\$500	640	120		

CHRONICA OCCIDENTAL

Temos chegado a esta situação: o analfabetismo alastra-se por todo o paiz, fecham-se escolas, descursa-se inteiramente a educação da classe media, e até já se deu o caso, aqui em Lisboa, de se vender terreno cujo destino devia ser sagrado, porque era o legado d'um filho da cidade á sua instrução! E não é só o povo que não aprende: o resultado da insuficiencia do ensino para as classes dirigentes é que a ignorancia d'ellas ainda em geral é maior que a das classes trabalhadoras analfabetas.

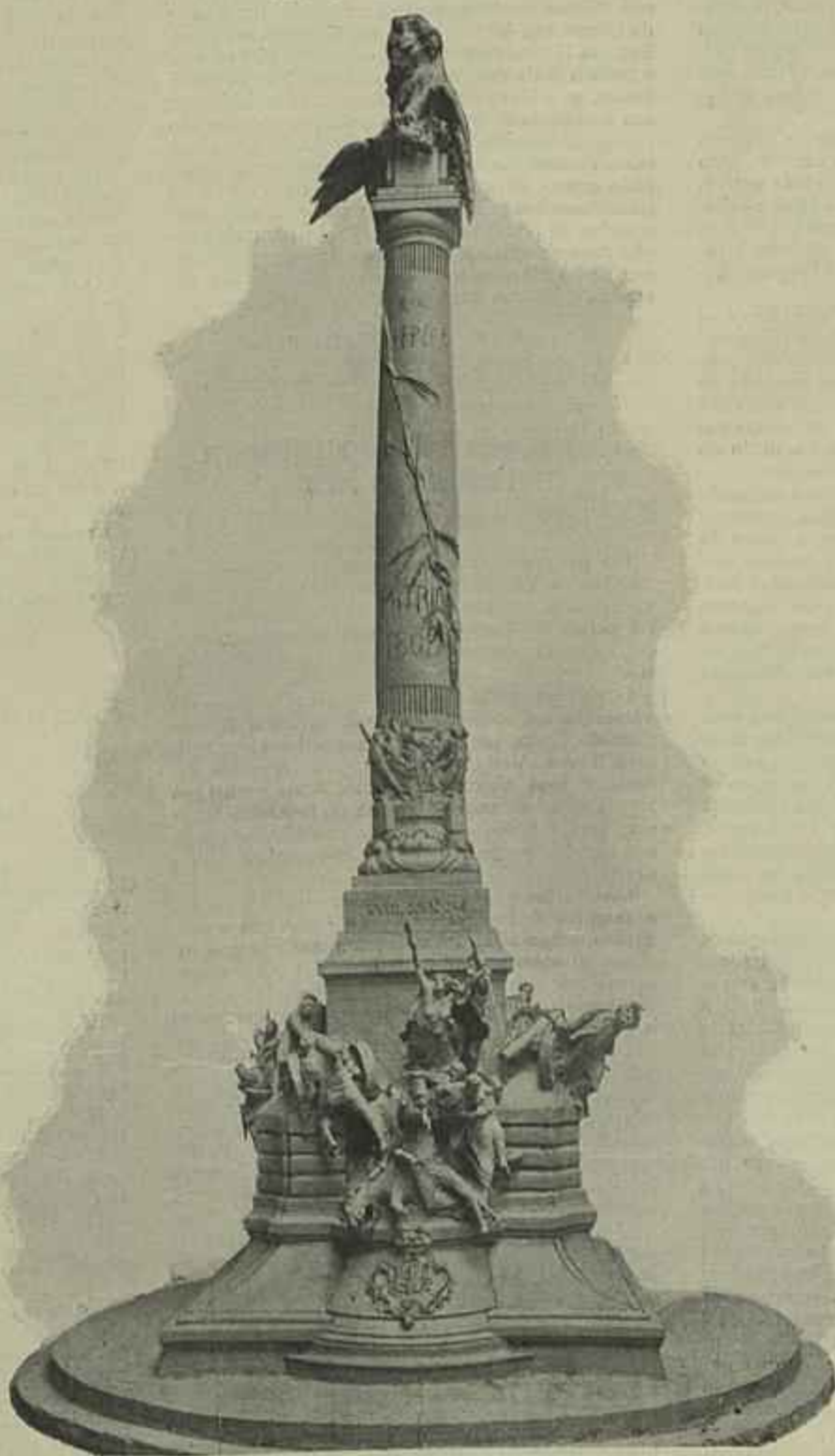
Tem-se feito peor do que destruir o ensino: desacreditaram-no, tudo se tornando suspeito á opinião. Por mais respeitavel que seja individualmente cada um dos membros dos jurys ao serviço da instrução, não ha concuso de professores, não ha exame de livros, de que se não malsine. Em quasi tudo se póde ver um escandalo; e a tal ponto que — como dizia em tempos na opposição um estadista muito nosso conhecido — em vez de se clamar: «Escolas!» sente-se mais a necessidade de gritar: «Fechem as escolas!»

Esta ruina, este descredito do ensino em Portugal dar-se-ha por falta de quem, dentro d'elle, o ampare e o nobilite? Não. Mas a verdade é que todos os esforços se mostram improficuos.

Os que esperam salvar a nação pelo ensino só pedem escolas, só querem escolas, e que a nação tenha uma sciencia, uma arte, uma industria sua, adquirida e fortalecida por si propria. Mas o regimen vive contente e em festa sob a tutela estrangeira!

Querem esses mesmos que não só o Estado, mas todas as corporações contribuam para o engrandecimento escolar; e a esta sêde de descentralisação territorial responde o regimen com a supressão de quasi todas as franquias ocaes. Querem professores

Concurso para o Monumento da Guerra Peninsular NO PORTO



PROJETO DOS SRS. ANTONIO ALVES DE SOUSA E JOSÉ MARQUES DA SILVA
QUE OBTVE O PRIMEIRO PREMIO

competentes que desempenhem cabalmente o seu magisterio; mas o mesmo é querer a liberdade para todos os que têm merito de ser escolhidos para os logares publicos, e a liberdade do empregado no desempenho das suas funções, e isto não são coisas que se peçam a um regimen de nepotismo. Quem alumnos para as escolas; mas para isso seria preciso haver liberdade de as frequentar, seria preciso distribuir socorros pelas familias das creanças pobres, seriam precisas, numa palavra, todas as liberdades economicas que o socialismo reclama.

E o regimen, para mostrar quanto se importa com tudo isto, extinguiu as comissões de beneficencia e ensino, e para tudo centralisar até a beneficencia centralisou!

Decretou-se uma lei de descanso semanal para as classes trabalhadoras, mas não se lhes deu escolas onde, ao menos uma vez por semana, podessem instruir-se um pouco. Ha no papel um regulamento de trabalho de menores, mas ninguem cuida de lhe dar execução pratica; e ninguem tampouco se importa com o desafogar a vida, do operario para que elle mande os filhos á escola, assegurando-o contra a miseria, pelo menos nos dias de crise de trabalho e nos ultimos da velhice. Isso sim! p'lo contrario, ainda se vive em grande parte da espoliação do trabalhador...

Quer-se, em resumo, o verdadeiro ensino que dê não só a instrução mas tambem a educação, mas outra coisa não é o ensino liberal e não é rasoavel pedir tanto a um regimen todo de arbitrio.

Infelizmente, sabe-se quanto é poderosa a acção do Estado na instrução e educação da infancia portuguesa, e quanto limitada ainda é para ella a acção paternal do professorado. Todavia, ninguem como o professor póde realizar tanto bem ou tanto mal — elle que tem nas suas mãos o cerebro e o coração das creanças. Elemento social de maior auctoridade e de

maior poder, quantas vezes se torna impossível destruir ou sequer modificar o que elle ministrou e incutiu ao espirito infantil!

Não basta na escola o ensino da cathedra, o ensino do livro. Torna-se mister a convivencia entre o professor e o alumno; é indispensavel o ensino objetivo, a iniciação da creança nos actos e nos factos da vida moderna, a preparação basililar para a qual tanto devem concorrer, por exemplo, as visitas aos museus, aos monumentos historicos, ás fabricas, ao campo, etc., de modo que se vão adquirindo pequenas mas exactas noções do mundo e da vida, que valem tanto e ás vezes mais, como o saber ler, escrever e contar. A sugestão exercida pelo professor no alumno, sob o ponto de vista pessoal e moral, é incontavelmente e muito sensivelmente superior á do livro. O ensino amenisar-se ha sempre com as digressões feitas pelos professores e discipulos, durante as quaes se travará uma familiaridade que de modo algum consentirá a falta do mutuo respeito. Introduzissemos nós na nossa vida escolar estas e outras salutaras innovações, e então é que nos veriamos enfileirados de par com os povos que verdadeiramente se dizem civilizados.

Ensinar creanças exige uma vocação, só comparavel á dos bons sacerdotes que apostolisam com sinceridade, com zelo e justa comprehensão, os seus ideaes e a sua fé. Precisa-se ter um entranhado affecto pela infancia, sentir o sagrado ardor que inspira a terra idade, estar convicto de que ensinar e educar conscienciosamente, dedicadamente, uma creança, é realisar a mais excelsa de todas as obras de arte. Tudo isto ha-de reunir-se na individualidade do professor, para que elle mereça bem o nosso respeito, a nossa admiração e o nosso reconhecimento.

As leis de instrução, ainda as que se julguem melhores, são inanes, os livros são estereis, se o professor não é um elemento fecundador e activo. Os nossos professores primarios, todos o sabemos, são cheios de boa vontade; mas o que lhes falta são os recursos materiaes, as grandes e intensas modificações pedagogicas que rasguem horizontes novos ao ensino nacional.

Tuão isto — e quanto fica ainda por dizer! — trouxe a chronica a proposito de um livro de ensino que appareceu agora, feito por um dos nossos escriptores publicos de profissão, contado no reduzido numero d'aquelles que só com elevação e dignidade sabem e querem servir as letras patrias. *Ditosa patria, minha amada* é o titulo do livro, e Silva Bastos o nome do seu auctor.

Não só de pão vive o homem, diz o velho ditado, e não ha nada mais certo. Não bastam a grandeza das posições sociaes, nem a posse da abundancia e da riqueza para que o homem disfructe, legitimamente, a relativa e limitada felicidade que nos pôde proporcionar a vida. Alguma coisa ha de maior, e mais bello, e esse alguma coisa é o espirito e o caracter que se formam e são consequencia de uma sã e bem orientada educação.

A chronica, que não estabelece principios, nem tóma a responsabilidade de doutrinas, está todavia no direito de considerar melhores ou peores estas ou aquellas doutrinas e estes ou aquelles principios; e assim é que, sem reboço, confirma um facto que não é já do agrado de muita gente, mas que nem por isso deixa de ainda agradar a muita outra: o facto de toda a perfeita ou quasi perfeita educação se basear na trilogia formosissima de Deus, liberdade e patria.

Crer em Deus não tem feito mal a ninguem, mas crer não supersticiosa ou superficialmente e sim como uma crença scientifica — se assim no-lo deixam dizer — e uma crença racional. Sob a nossa experiencia e sob a nossa observação, tudo no mundo fisico e no mundo moral pôde attestar a intelligencia infinita e eterna que tudo creou e tudo guia. O caso está em nós querermos que o atteste. E se o queremos, é preciso crer não por dilletantismo mas pelo reconhecimento da necessidade indispensavel de haver uma crença em alguma coisa cuja superioridade nós não podemos atingir. Dizia uma vez um sceptico que só a crença na vida futura é que mantinha os maiores desequilibrios sociaes: uns com tudo outros sem nada; uns felizes outros desgraçados; uns vivendo na opulencia, no gozo de todas as venturas, de todas as alegrias, outros lutando sempre com a miseria, a doenca e a fome!

Quanto á liberdade, todos sabemos como é necessario mantê-la, usá-la e defendê-la: mas usá-la de modo que não se torne licenca, e, sobretudo, que não se torne — opressão.

E a patria — a patria nossa sempre amada, ditosa ou não ditosa? Essa é a mãe commum, e tanto basta para que saibamos que obrigações indeclinaveis nos devemos impôr por ella. Pôde

um genio de conquista — no dizer do pensador — estabelecer, ou ampliar uma nação, mercê do gladio valente e do prestigio luminoso: se ella não se fundar noutras causas, desorganizar-se ha quando os seus grandes vultos tiverem desaparecido. A patria não é uma coisa arbitraria, não depende da espada do guerreiro, nem da sciencia do legislador. Ha oito seculos existe a patria portugueza, não apenas porque uma espada gloriosa a talhou neste rincão da Peninsula: constituiu-se e robusteceu-se mercê de um conjunto de circumstancias de natureza a mais diversa. Digamo-lo á nossa infancia como convém dizer-lh'o, e e ella se habituará ao respeito que á patria se deve, á admiração que merece, ao amor que inspira.

O nosso criterio pedagogico tinha-se limitado até agora a deslumbrar a imaginação das creanças com os feitos heroicos de reis e generaes e a parte theatral do periodo das descobertas, e chamava-se a isto o ensino de historia patria. Ao que parece, modifica-se o criterio, e começa-se a pensar mais na necessidade de ensinar verdadeiramente a historia da patria. Ora, a historia da patria não é sómente a historia da sua monarchia, e de alguns factos que mais directamente se relacionaram com o engrandecimento d'ella. Do que até agora se ensinava ás creanças em tal materia, concluíam ellas, muito naturalmente, que desde D. Affonso Henriques até D. Carlos I, Portugal só tinha contado trinta homens e duas Donas Marias verdadeiramente notaveis: um Vasco da Gama, um Albuquerque, um Camões, um Pombal, um Herculano, eram rábulas de pouca monta, e tudo o mais comparsaria infima. Hoje já não é assim, e o livro de Silva Bastos, concebido por um privilegiado espirito de pedagogo, delineado por uma limpida razão, e trabalhado ainda nas mais escondidas minucias da fôrma por um apurado gosto de apurado artista, é livro que atira para bem longe o tempo em que a creança portugueza só podia ter da historia do seu paiz a noção de uma enfiada de datas e de nomes de campos de batalha, que era forçoso saber de cór, salteadas, e de traz para diante!

JOÃO PRUDÊNCIO.

Concurso para o Monumento da Guerra Peninsular no Porto

Do programa para comemorar o Centenario da Guerra Peninsular, faz parte, além de outros numeros, a erecção de um monumento allegorico na cidade do Porto, para o qual a comissão executiva abriu concurso entre os artistas portuguezes.

O júri que tinha que decidir sobre os projetos apresentados, composto do sr. general Rodrigues da Costa, presidente, e dos artistas srs. Ventura Terra, Velloso Salgado, João Augusto Ribeiro e José Alexandre Soares, devia reunir em 10 de janeiro, mas só em 22 de fevereiro realizou essa reunião e deliberou, classificando para o primeiro premio o projeto apresentado sob a divisa *Povo e Tropa*.

Oito foram os projetos apresentados, revelando a maioria delles grande elevação estetica e progresso, como aliaz se evidenciou tambem no concurso do anno passado, em Lisboa, para o monumento que se vae levantar na capital com o mesmo intuito, e cujo primeiro premio foi conferido a artistas portuenses, como agora (1).

O projeto que alcançou o primeiro premio, adjudicação da construção do monumento, é dos srs. Antonio Alves de Sousa, esculptor, e José Marques da Silva, arquiteto. O primeiro foi alumno laureado da Escola de Belas Artes do Porto, discipulo do notavel professor Antonio Teixeira Lopes, e atualmente em Paris a completar os seus estudos como pensionista do Estado.

O novel artista afirma-se de fôrma notavel neste seu trabalho, revelando talento na bela composição dos grupos decorativos do pedestal e columna que constituem o monumento, e nos quaes se exprime bem toda a heroicidade e valor com que as tropas e o povo da cidade invicta investiram contra os invasores. E' um brado ainda patriótico, que o espaço dum seculo não poude extinguir.

O monumento, formado de uma imponente columna sobre a qual se vê a aguia napolionica

subjugada pelo leão lusitano, inicia-se sobre um baixo relevo de figuras movimentadas em attitude de combate. Na bem lançada base do monumento agrupam-se figuras de soldados e populares, que todos entraram na tremenda luta, desenvolvendo grande acção combatente, espressiva e arrojada, lançando-se sobre o inimigo com bravura leonina. E' quanto se observa nas figuras, em que se destaca uma e outra de mais intensa attitude, que impressiona fortemente o espectador. Esta impressão mais domina observando o grupo da frente do monumento, um dos lances de maior sentimentalismo vendo-se soldados moribundos mas ainda tentando resistir, cavalos cahidos, armas abandonadas, todos os destroços da luta, sobresahindo sobre este quadro de desolação, a figura do anjo da Victoria empunhando em uma das mãos um facho e na outra a bandeira da patria.

A parte arquitetonica deste monumento foi deliniada, como se disse, pelo arquiteto sr. José Marques da Silva, artista bem conhecido por seus importantes trabalhos e que veiu agora afirmar mais uma feição do seu talento, colaborando com o sr. Alves de Sousa no bello projeto que obteve o primeiro premio.

O segundo premio, um conto de réis, foi concedido ao projeto *Nome e Renome*, do arquiteto sr. José Teixeira Lopes e esculptor sr. Antonio Teixeira Lopes. Representa um castelo da idade media, sobre o qual se levanta uma figura allegorica da cidade do Porto empunhando a bandeira victoriosa, emquanto, em baixo, esvoaça ferida a aguia de Napoleão. Pela base do monumento estão dispostos grupos de tropa e povo empenhados todos na luta, vendo-se prostrado ferido um frade, alusão á parte activa que o clero portuguez tomou na guerra contra os invasores.

Da porta do castelo avancam para a ponte levadiça tres leões que arremetem para a aguia ferida, que paira por cima. Em todas as figuras ha extraordinaria intenção e se conhece o cunho do mestre.

O terceiro premio, seiscentos mil réis, foi dado ao projeto *Amor da Patria*, do sr. Joaquim Gonçalves da Silva. E' tambem um castelo, no cimo do qual domina uma allegoria da Victoria, e pela base se espalham grupos bem compostos de figuras combatentes, havendo em todas grande expressão e sentimento comovedor.

Foram conferidas menções honrosas aos projetos: *Aguia ferida*, do talentoso esculptor Fernandes de Sá; *Labor*, do arquiteto José Pacheco e esculptor Francisco Franco; *Independencia e Liberdade*, do esculptor Manuel Germano Pereira Salles.

Breve contamos voltar a este assunto, publicando as gravuras dos mais projetos premiados.

Exposição de quadros

PINTURA AO AR LIVRE

Chegam as andorinhas, lê mos ha pouco nas folhas diarias, são os pronuncios da primavera, que vem varrer tristezas do inverno, tristeza dos campos, tristeza das almas, com o chilrear dos passarinhos que saltitam pelas arvores á grande luz do sol, ao ar livre, tão livre como a liberdade das avesinhas que por elle rovoam em bandos.

Ar livre! que complexidade envolve estas duas palavras para o peninsular. O mesmo é dizer muita luz, muito sol, muita cór, muita alegria, uma musica que resoa pelo espaço, ora suave, languida como um raio de sol atravez da ramaria, ora retumbante como o rugir da tempestade.

E' o nosso ar livre; sim, o nosso ar livre, que nem em todos os pontos do globo elle é assim, tão luminoso, tão colorido em toda a escala das côres, em todo o vigor.

Nada mais convidativo para o artista, para o pintor, do que este ceu com toda a sua pujante luz a iluminar a exuberante natureza vegetalisando de cada pedra, a erguer-se em arvores seculares, a orlar os rios com os macissos de salgueiros e juncaes, e os sinuosos regatos a bordarem os campos a fios de prata, murmuros e frescos, onde a vida vae dessedentar-se.

Como é tão bello este ar livre que seduz o paisagista! que sempre o seduziu e fez poetas da paleta como Silva Porto, e sobre a egide de Silva Porto se fundou uma sociedade de estudo de pintura em que domina a paisagem. Sociedade ou escola que devia seguir aquelle artista, que a

(1) Vide OCCIDENTE, vol. XXXII de 1909, pag. 65. n.º 1089.

morte tão cedo levou, com os segredos do seu talento, afirmado nas obras que ficaram.

Nenhum dos artistas que se propuzeram seguir o mestre, ponde ainda aproximar-se da sobriedade, da limpidez, da correção e poesia do malogrado pintor.

E' esta a verdade. Outra é a orientação que seguem. Por espirito de inovação? Por modo de vêr? Por insuficiência de recursos próprios? Não sei.



RIBATEJO

O que é certo é que de Silva Porto nada encontramos na exposição de pintura *ao ar livre*.

Outros são os processos, outra é a orientação. Muito bem estava quando isto afirmasse individualidades com qualidades que se impoem, por sua originalidade compreensível, aceitável. Mas, francamente, não vemos essa originalidade, que aliaz alguns pintores lá fóra também querem impôr, e agora mesmo aqui tenho umas reproduções graficas de quadros de um pintor alemão, Bartels, que segue a mesma norma, mas que nem todo o seu prestigio de estrangeiro me leva a aceitar.

Tres são os expositores, sr. Antonio Saude, João Trigoso e Alves Cardoso, além do mestre que os acompanha com dois quadros, *Pinhal* e *Dia cinzento*, que não desmerecem dos créditos de Carlos Reis, se bem que vá abusando do pincel e da tinta, muito especialmente no *Dia cinzento*.

Antonio Saude expõe tres quadros de paisagem, onde avulta o do *Ribatejo*, um bello pedaço da Lezíria por onde vem um campino a cavallo. Este quadro tem vida, tem ar, tem côr que bem mostra o temperamento do artista, qualidades que aliaz sempre afirmou e prevalecem na sua pintura. E' inquestionavelmente um artista peninsular, amando a grande luz e o grande colorido. Tem exuberancias de tinta, que mais de uma vez aqui temos notado, e isso não faz senão prejudicar o efeito da sua pintura, que só poderá ser vista com apreço, a distancia que o geral das salas ou galerias não alcançam. E' preciso que o sr. Saude se não deixe levar por essas ondas de tinta, embora a moda venha lá de fóra, como dissemos, porque só o fabricante é que aproveita com o esbanjamento.

João Trigoso apresenta nove télas também de paisagem, sendo a maior destas a que denominou *Primavera* e *Outono*. A primavera deverá estar na paisagem; o outono em dois homens, um sentado outro em pé, que se me afiguram serem dois mendigos, muito castigados dos annos e do insubmisso pincel que se deu a tratos para ali os fixar. A prespetiva não tem que vêr com este quadro; um boisito que pasta ao longe deve estar dali a algumas leguas, ou as figuras estão colossaes para o plano que occupam. O titulo *Primavera* e *Outono*, é uma questão de nome, porque o quadro não o sugere. São menos ambiciosos os seus quadrinhos, como estudos, e apreciavel o *Pedaço de Costa* em que os seus recursos são mais seguros no efeito do mar que embate contra os rochedos.

A exposição mais abundante é a de Alves Cardoso que expõe vinte e seis quadros, na maioria paisagem. Este artista, que esteve em França e na Italia, mais se deixou apaixonar pela escola impressionista do que pela bella pintura que havia de por lá vêr. E' também questão de temperamento, de visão, o que lhe embaralha as côres e inquieta a vista do observador. Os quadros de maiores dimensões são dois, *Um sobreiro* e *Em dia de festa*. Nós preferiamos alguns dos outros mais pequenos. *Um sobreiro*, tem o primeiro plano, ou chão, bem pintado, de efeito justo, o mesmo não podemos dizer do sobreiro que não se

desenha bem sobre o fundo e menos sobre o ar. *Em dia de festa*, vemos uma casa rustica com tres mulheres que parece virem sahindo, mas estão paradas, sem animação ou pressa que indique irem para a festa. Tem bom colorido este quadro difundido pelos trages das mulheres mi-nhotas que usam côres vivas, com que o sr. Alves Cardoso se entende á maravilha.

E dando a volta pelo *atelier* Bobone, aqui ficam as nossas impressões da exposição de pintura *ao ar livre*. Talvez fossem mais agradaveis se depois dos esbocetos ao ar livre, se pintassem os quadros no *atelier*. Talvez.

CAETANO ALBERTO.



CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Festejos commemorativos da sua fundação

No anno de 1898, um grupo de eleitores *independentes* e meus amigos, conhecedores dos estudos a que eu me dedicava com afincio, para melhorar a esthetica da cidade do Rio de Janeiro, resolveu apresentar a minha candidatura ao eleitorado, afim de fazer parte do Conselho Municipal, d'aquella capital.

Entravão no meu programma, como necessidades mais urgentes e inadiaveis: o prolongamento da rua do Sacramento até á igreja de S. Joaquim, a abertura da travessa de S. Francisco de Paula da rua Sete de Setembro, até á rua da Carioca, e ainda outros melhoramentos que, ha longos annos prometidos á população, pareciam, comtudo, que só seriam realizados para as decantadas *kalendas gregas*!

Annos depois o prefeito municipal, dr. Francisco Pereira Passos — arvorado em novo *Marquês de Pombal*, e nomeado pelo novo *D. José I*, conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, com poderes discricionarios para esse cargo — levava a effeito as obras que acabei de mencionar, e, caso singular!... foi exactamente pela rua do Sacramento que elle começou as suas reformas, dando á parte prolongada a largura de desasete metros, a qual, no dia da inauguração official, foi baptisada com o nome de *Avenida Passos*.

Voltemos porém ao assumpto da minha candidatura, para dar contas do resultado que obtive. Inexperiente em materia de cáballa eleitoral, deixando de entrar em combinações ou chapas, apresentando me como *guerrilha* — desejava absoluta independencia no cargo. Apareceu-me então um rival, que se apresentou á ultima hora, e nas mesmas condições; triumphou porque «conhece melhor o segredo» das tricas eleitoraes.

Este facto foi devéras deplorado por aquelles que levantarão a minha candidatura, e causou até — digamos a verdade — geral consternação na parte sã da sociedade fluminense.

Achei azáda esta occasião para trazer tudo isto á luz da publicidade, e assim justificar a competencia com que me apresento a fallar da ultima festa commemorativa da fundação da cidade carioca, em boa hora realisada pelo actual prefeito, dr. Innocencio Serzedello Correia.

A cidade do Rio de Janeiro, tão cheia de encantos naturaes, também apresenta aos investigadores da sua fundação essas lendas semi romanescas, semi fabulosas, com que se apavoneião as grandes capitães!

Poetas e musicos, pintores e historiadores, com vigor e com sublimidade, tem-se inspirado com ardencia e com patriotismo, para descrever a cubiça com que os *Cruzaados francezes* se queirão apoderar da formosa Guanabara, tendo procurado alianças com os indigenas do paiz.

Foi este assumpto soberbamente descrito, pelo poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães, no seu poema a *Confederação dos Tamoyos*.

Mais tarde, um genio musical *Paulista*, — o immortal Carlos Gomes, arranjou um soffrivel *libretto* para adaptar á opera *Schiavo*, cuja acção se passa em Nitheroy, do outro lado da bahia do Rio de Janeiro.

Em fins do século passado, o provector mestre da arte e sublime pintor, grande dignatario da Imperial Ordem da Rosa, commendador Victor Meirelles de Lima, fez uma téla panoramica da cidade, que a esse tempo já representava um dos maiores emporios do mundo. Carlos Gomes e Victor Meirelles, foram meus amigos, muitas vezes troquei com elles ideias ácerca da formosa Guanabara e da sua decantada bahia.

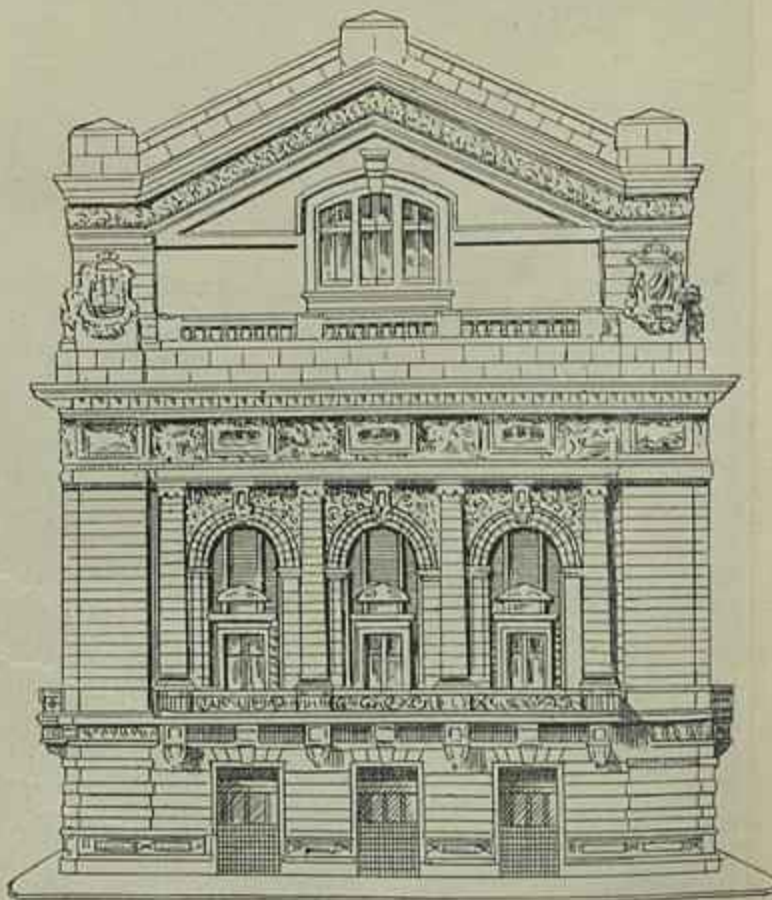
A musica, a poesia, e a pintura; trindade augusta, vierão-me povoar o cérebro de phantasias, que vejo-me obrigado a declarar, para que o leitor melhor avalie da commoção com que subia as ingremes ladeiras da cidade, que levão ao Castello, para ir no exterior da igreja tatear o lendario marco, trazido das praias lusitanas, para ser fncado no sólo brasílico.

E' o dito marco feito de pedra líóz, na sua maior altura, dará pelos peitos a um homem de estatura regular, tem esculpidas em relevo as armas reaes portuguezas, e abaixo, em gravura, a inscripção, difficil de lêr, porque a acção do tempo, muito a tem deteriorado.

Encostado a um angulo da frontaria, tanto parece uma sentinella liliputiana, como um transeunte que se cose á parede para se livrar do tempo, nas suas intemperies.

O convento, que em 1840 se achava em pessimas condições e quasi em ruinas, foi nesse anno entregue aos frades capuchinhos, que vierão da Italia para missionarios, e que afinal o salvarão erigir uma do desmantelamento em que hia cahir.

As festas do dia de S. Sebastião, deste anno correram alegres e brilhantes, e dois dias depois



PROJETO PARA O THEATRO LIRICO DO PORTO PELO ARQUITETO SR. JOSÉ MARQUES DA SILVA

Primeiro premio do concurso



O ARQUITETO JOSÉ MARQUES DA SILVA
O ESCULTOR ANTONIO ALVES DE SOUSA
AUTORES DO PROJETO DO MONUMENTO COMEMORATIVO DA GUERRA PENINSULAR, A ERIGIR NO PORTO, QUE OBTVEU O PRIMEIRO PREMIO

o *Jornal do Commercio* aventava a idéa de se erigir uma estatua a Estacio de Sá.

No dia 20 de janeiro, data da fundação da cidade, o povo subiu ao Castello, em romaria civica ao tumulo do lendario heróe.

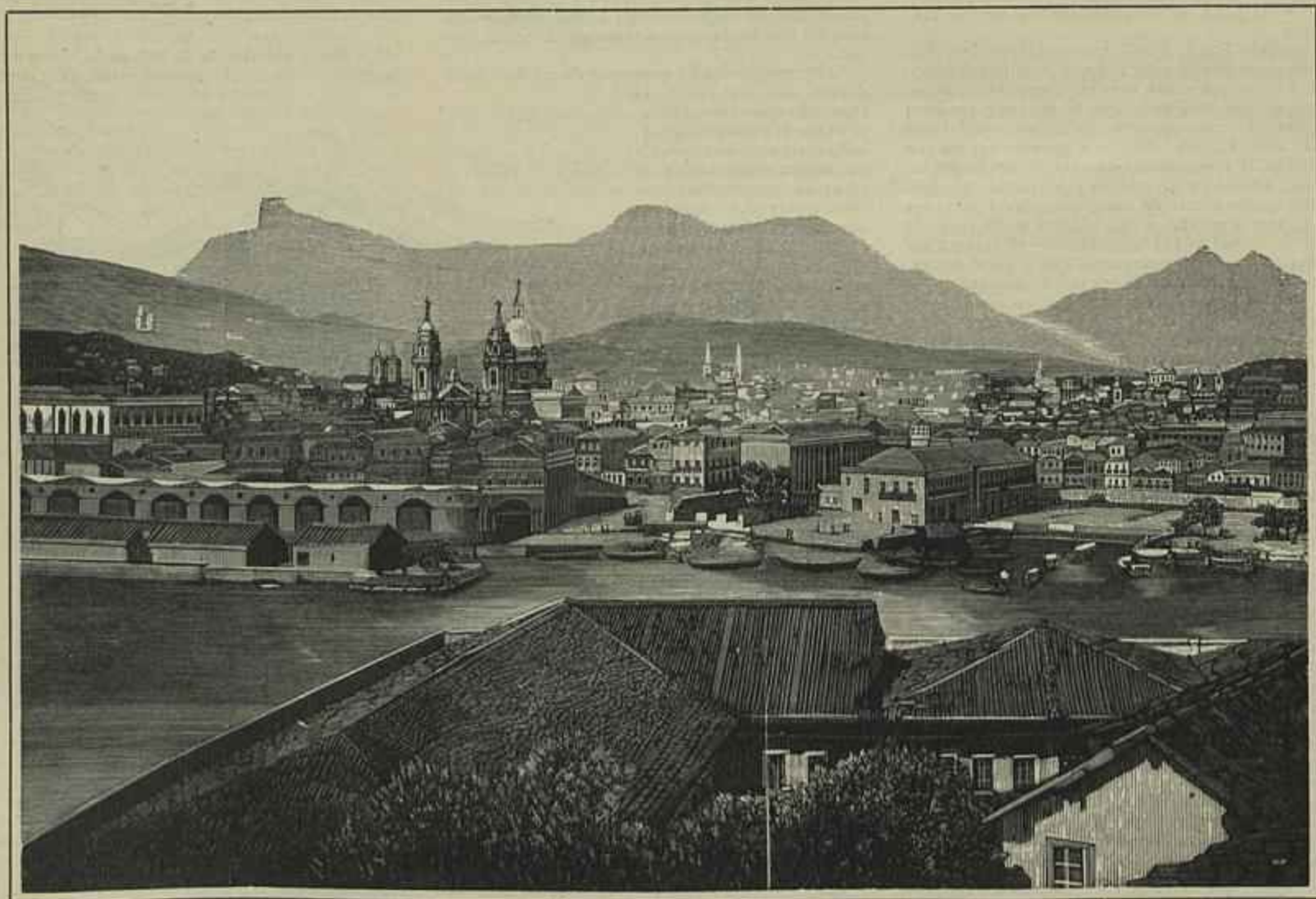
Nesse mesmo dia, o prefeito municipal offerceu um almoço á officialidade do cruzador portuguez *S. Gabriel*, surto no porto, e a presença d'esses representantes da marinha de guerra por-

tugueza, ainda mais veio abrilhantar os festejos. Em seguida ao almoço, houve recepção no pavilhão do Districto Federal, estando em exposição os antigos mapas da cidade e diversas reliquias historicas.

Fez se uma sessão civica no Theatro Municipal, presidida pelo dr. Serzedello Correia, e forão oradores Coelho Netto e Olavo Bilac. Na praça da Republica, houve missa campal, officiano o

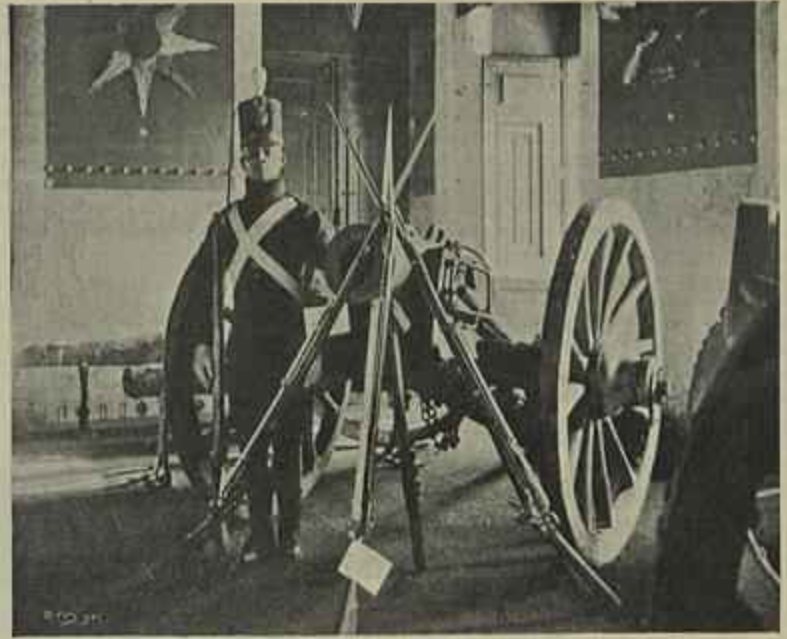
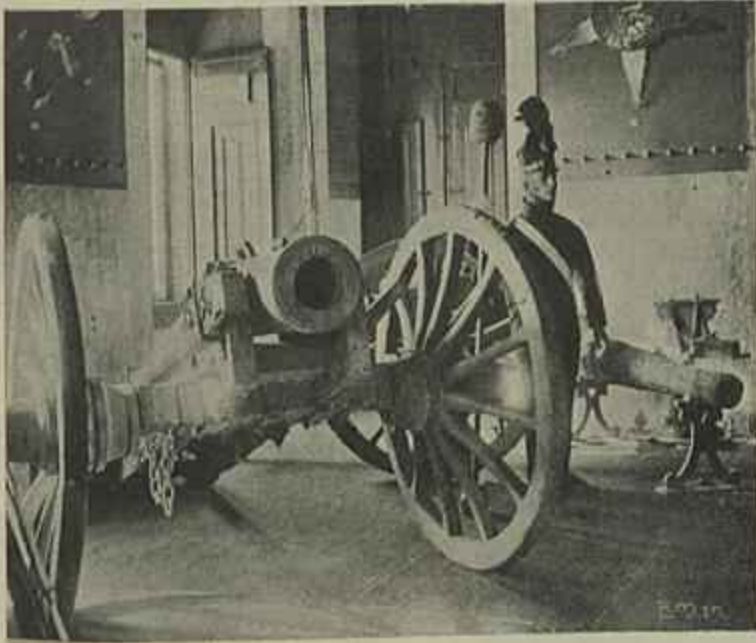
cardeal D. Joaquim de Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro. Prégou na occasião o padre dr. Julio Maria. Tambem no Castello houve missa cantada, na egreja de S. Sebastião, sendo o sermão proferido por monsenhor Fernando Rangel.

O governo fez-se representar nas festas, comparecendo o dr. Rodolpho de Miranda, ministro da agriculura, acompanhado do seu secretario,



CIDADE DO RIO DE JANEIRO, ONDE NO DIA 20 DE JANEIRO SE REALISARAM FESTEJOS COMEMORATIVOS DA SUA FUNDAÇÃO

Exposição histórica comemorativa da Guerra Peninsular



OBUZ COM CARRETA TOMADO AO EXERCITO FRANCÊS NA BATALHA DE VICTORIA DE 21 DE JUNHO DE 1813; SOLDADO DE ARTILHARIA N.º 3; PEÇA DE FERRO QUE ARMOU O FORTÉ DE MACEIRA PRÓXIMO AO VIMEIRO
SOLDADO DE INFANTARIA N.º 3; OBUZ E ESPINGARDAS COM BAIONETAS, TUDO DA ÉPOCA DA GUERRA PENINSULAR

no pavilhão da Exposição, em que se tinha realizado o almoço oferecido pelo prefeito á officialidade do S. Gabriel.

Por esta sùmmula, poderão os leitores avaliar a importancia que tiveram as festas da cidade do Rio de Janeiro, para commemorar a sua fundação.

LEÃO HORACIO.

Exposição histórica comemorativa da Guerra Peninsular

Esta exposição é um dos numeros do programma da comemoração do Centenario da Guerra Peninsular e foi inaugurada por Sua Magestade El-Rei D. Manuel, no dia 16 de fevereiro findo.

Ocupa a grande sala das sessões do conselho geral do exercito e armada, junto ao Museu de Artilharia, e o atrio.

Esta exposição representa, sem duvida, um dedicado trabalho em investigar e coleccionar tantos documentos ou reliquias de um seculo distante, dispersos pelo tempo e quantos pela incuria. Esse trabalho coube ao sr. general Jayme Couvreur,



UM ASPETO DA SALA DA EXPOSIÇÃO — (Fotografias Alberto Lima)

erudito investigador de antiguidades militares, que patrioticamente aceitou a difícil comissão, concorrendo com os seus conhecimentos sobre o assunto, para o bello resultado obtido, pois conseguiu reunir cerca de setecentas especies, todas de grande curiosidade e interesse historico.

E' profusa a exposição de documentos da época em que, a par de retratos, se pôdem observar alguns manuscritos, mapas e planos de campanha, bandeiras, armas, uniformes militares vestidos em manequins, figurando ali tambem a maqueta do monumento que vae levantar-se em Lisboa comemorativo da Guerra Peninsular.

A apreciação detida do que ali se apresenta não cabe nos limites desta noticia e será feita mais de espaço nesta revista. Agora só pretendemos registar a inauguração e abertura ao publico desta exposição, onde ha bastante que vêr e ilucidar sobre uma das épocas mais notaveis da historia deste povo que se encontrou em luta desesperada, mas heroica, com o maior colosso militar que avassalou o mundo, e aqui veiu ofuscar o brilho de cem batalhas victoriosas, ficando vencido.

Concurso para a construção d'um teatro lirico, no Porto

Ha dois annos, um violento incendio destruiu o teatro de S. João, do Porto (1), ficando aquella cidade privada do seu teatro de opera lirica. Desde logo houve idéa de construir um novo teatro, com todas as condições modernas, idéa que foi bem acolhida e patrocinada por influentes em que se contava a camara municipal, o Club dos Finianos Portuenses e outras coletividades importantes.

Chegou até a apresentar um projeto de nova construção o sr. José Isidoro de Campos, por parte da *Construtora* da firma Campos & Fonseca (2). Esse projeto, porém, não logrou ser aceite, abrindo-se ultimamente um concurso, ao qual concorreram os srs. José Marques da Silva, Almeida d'Eça, Correia da Silva, Cossino, Augusto Pina, Roberto Fino, Tertuliano de Lacerda e Costa Campos.

Dos projetos apresentados o que obteve o primeiro premio foi o do sr. Marques da Silva, e que reproduzimos em gravura.

O segundo premio foi concedido ao sr. Almeida d'Eça.

O projeto é realmente bem lançado em todas as suas linhas, e de grande propriedade para o fim a que o edificio se destina. Obedecendo ás condições do concurso, uma das quaes era sujeitar a construção ao espaço occupado pelo teatro que ardeu, o sr. Marques da Silva conseguiu delinear-o com proficiência e conhecimento das modernas exigencias de edificios desta ordem, dando-lhe um cunho de elegancia e arte que á primeira vista se reconhece. O novo teatro deve comportar mil trescentos e oitenta e tres logares, distribuidos da seguinte fórma: primeiro balcão, 150; frisas, 72; camarotes de primeira ordem, 144; camarotes de segunda, 82; balcão, 142; galeria, 420; camarotes de boca, 54. Tem uma tribuna real.

A decoração da sala é em estilo Luiz XVI, desenvolvendo-se em lindos motivos que recordam Versailles.

Tem *foyer* no plano das primeiras galerias, e em lugar de telhado, um terraço em cimento.

A fachada lateral não é menos elegante do que a da frente e tudo concorre para que a cidade do Porto vá ter mais um edificio arquitetónico de grande belesa.

O orçamento está calculado em 99:500\$000 réis.

Levantou-se certa questão sobre a originalidade deste projeto, querendo que elle fosse ins-

pirado sobre o teatro de Amiens. O sr. Marques da Silva, porém, declarou que tal suposição não tinha fundamento, porque nem a fórma do terreno a que teve de sujeitar o seu projeto, nem os motivos decorativos e linhas geraes em nada se assemelham aquelle teatro.

O sr. Marques da Silva é um artista cuja reputação está feita por outras obras de valia, como por exemplo a da estação dos caminhos de ferro, e de outros belos edificios do Porto moderno.

O segundo premio foi concedido ao projeto do sr. Almeida d'Eça que é tambem um bello trabalho. Este projeto, porém, só comportava logares para 1:243 espectadores, o que tambem é condição para atender no caso sujeito.

João Maria Ferreira e o seu livro «Ino á Primavera»

Quando em 1905 appareceu nas livrarias a sua primeira obra *Jesus de Nazareth*, e quando a folheámos notámos que atravez dos seus versos, havia a alma d'um poeta em extremo sentimental. A obra tem defeitos, como quasi todas as dos principiantes, mas foi uma estreia auspiciosa e que grangeou sympathias ao seu auctor! Como rapaz trabalhador, e tendo por norma da sua vida o amor do Bello, quasi todos os annos tem posto á venda novas obras que tem sido recebidas pela critica brilhantemente.

O seu livro *Tristezas* e a sua poesia *Manhã* possuem paginas encantadoras que denotam no joven poeta, uma tendencia bem evidente para procurar nas altas regiões da Poesia assumptos para as suas obras.

O *Príncipe de Martirio* foi um poema nascido em horas em que a nossa Patria jazia absorvida no veu escuro do regicidio. João Maria Ferreira, que é um impressionista, escreveu toda a obra em breves dias, e atravez do seu verso, vemos as vibrações d'uma alma essencialmente monarchica e que tem horror ao crime! Ora no seu livro *Ino á Primavera*, sahido ha dias, João Maria Ferreira dá nos uma nova phase da sua veia poetica.



JOÃO MARIA FERREIRA

Quiz cantar a natureza em toda a sua grandeza, nos factos mais ínfimos, nas manifestações mais reconditas. Como verdadeiro pantheista, o jovem poeta vê no mundo -a Natureza, na Aurora, nas arvores, nas fontes, nas aves, nas aguas, nas pedras, nas flores, infinitos assumptos para serem cantados em verso.

O livro tem passagens sublimes, de grande intuição artistica, que marcam o talento do auctor! Na pleiade dos nossos poetas modernos, João Maria Ferreira occupa um logar distincto. Ha no seu estylo uma simplicidade que nos eleva, mas em que a idéa é altamente bella! Transcrevemos

uns versos que vêm em abono do que acabo de dizer:

As andorinhas (em côro)

Eis-nos emfim de regresso
das terras do sol nascente
á terra do ocidente,
ao risonho Portugal!
Salvé! luz da nossa aurora,
O' mãe dos nossos filhinhos,
que nos vens beijar os ninhos
e a nossa terra natal.»

E' um livro que pode ser lido por todos, e que pode estar na estante de uma senhora illustrada.

X.

A casa submarina

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1121)

Todos responderam á uma, mas o unico que ouvi foi Peter, dizendo:

— Tenho aqui casa de graça e sem hospedeiro que nos roube... portanto, fico.

Dolly Venn tambem mettu a sua colhegada:

— Somos cinco e não creio que nos venham assassinar sem mais nem mais. Além d'isso, Czerny é um cavalheiro.

— Que recebe a tiros de espingarda os naufragos que abordam á ilha — observou lumbremente Seth Backer.

O doutor Gray ouvia todos pacientemente, mais pacientemente que eu, e depois continuou dizendo:

— Se ficarem aqui, morrem de fome; se seguirem para diante... já sabem a generosidade que os espera. Se o vento deslizer o nevoeiro, teremos outra vez Czerny na ilha. Pela minha parte, digo que o melhor, é seguir para diante e arrostar com o que vier, mas falo só por mim, entendam bem.

— Está dito!... — exclamei repentinamente com resolução. — Vamos para diante, aconteça o que acontecer. Seríamos parvos se nos deixassemos morrer aqui como ratos, tendo a uma milha, se tanto, luz e comida. E além de parvos, seremos uns cobardes se não avançarmos.

Os meus companheiros apoiaram estas palavras, e visto todos sermos da mesma opinião, deitámos a andar por ali fóra até á casa de Czerny.

Difícilmente se pôde descrever caminho tão bello!

As grutas maiores foram ficando para traz e começámos a caminhar por galerias de tetos baixos, das quaes partiam outras bastante escuras. De vez em quando, penetravamos em tunneis abertos talvez ha milhares d'annos por algum rio de fogo; outras, passavamos pelo fundo de profundissimos abysmos, em que viamos, lá no alto, algumas nesgas de céu e penhas elevadissimas, de uma altura immensa.

Por ultimo, já não distinguíamos a luz e começámos a andar por galerias que pareciam conduzir-nos ás entranhas da terra. Não tardei a comprehender que o mar passava por sobre as nossas cabeças.

Imagine-se a escura e solitaria caverna, com o mar galgando por cima da sua abobada, o ar humido e salgado, e lá ao longe, o

(1) Vide OCCIDENTE, vol. XXXI de 1898, pag. 85, n.º 1055.

(2) Vide OCCIDENTE, vol. XXXII de 1900, pag. 31, n.º 1084.

éco repetindo os nossos passos. Assim fomos de gruta em gruta, de labirinto em labirinto, tropeçando e caindo mais de uma vez, sempre de olhar fixo na lanterna que o doutor levava na mão, e chamando-nos uns aos outros para nos não perdermos.

Duvido, porém, que se possa imaginar tudo isto, pois é preciso vêr para se poder fazer idéa.

Ainda hoje se me representa a scena como quando a vi. Vejo Peter Bligh andando e tropeçando no doutor que caminhava na frente. Oíço a voz de Dolly Venn chamando-me. Ajudo Sett Beker a passar pelas rochas, e por ultimo, vejo-os a todos na margem da terrível lagôa branca.

Os perigos voltavam de novo!

E' com estremecimentos de terror e asco, que torno a falar do medonho charco a que só por ironia chamei lagôa.

Este charco formando uma especie de taça ou bacia de quartzo, mica, ou outro qualquer mineral brilhante, que na escuridão tinha scintillações como se fosse de crystal, era de fórma que a gruta onde estavamos ficava toda illuminada por luzes occultas e tornavam a agua transparente.

O silencio profundo e o caminho que levavamos, parecia terminar exactamente na borda do extranho lago.

No momento em que todos estavamos pensando na maneira de seguirmos para deante, as aguas até então tranquillias começaram a agitar-se e a espumar, e um grande monstro surgiu do fundo da lagôa.

Era um gigantesco polvo, segundo pudemos observar á luz da lanterna, e que nos fez retroceder um pouco, e saltarmos um grito de espanto.

Não nos levem a mal por isto.

As terríveis ventosas do animal iam tacteando á rocha como procurando alguma coisa a que se agarrar, e os olhos luminosos do monstro, a agitação da agua, a penumbra em que nos encontravamos, e que era peor do que trevas, tudo concorria para atemorizar o homem mais corajoso!

Além d'isto, o animal surgira exactamente no ponto que nos interceptava a passagem, isto é, cortando o caminho da salvação.

Só havia duas coisas a fazer: passar por aquella gruta, ou morrer de fome ali para um canto.

O espanto produzido por aquella apparição, apenas durou um ou dois minutos, e quando comprehendemos que o monstruoso polvo não podia sahir do charco, a quem sem duvida alimentava a agua do mar, não podendo chegar á parte mais alta dos rochedos, começamos a vêr tudo com mais sangue frio e a pensar na melhor maneira de continuar o caminho.

Pela minha parte, era de opinião que disparamos os revólvers sobre o terrível animal, mas o doutor oppoz-se resolutamente, receoso que o ruido dos tiros fizesse chamar sobre nós a attenção dos habitantes da casa submarina; e recordando-se do que tinha lido no livro do hollandez propoz outra coisa.

— Hoyt passou pelas rochas — disse elle — enquanto nós, cheios de medo, nos conservavamos arredados do charco pensando que o nevoeiro da ilha seria melhor talvez que cair nas antenas do polvo. — O caminho não é lá dos melhores, mas, mais vale pouco, que nada. Sigam-me de perto e tomem cautela não es-

correguem, porque, se caírem, irão parar a uma bocca peor que a de um tubarão. Vamos, e que a sorte nos proteja.

Dizendo isto começou a trepar pelos pedregulhos do lado do charco, e tão alto, que não parecia ser possível o polvo chegar-lhe.

A rocha tinha saliencias sufficientes para qualquer homem passar sem grande risco, mas o peor era o estado nervoso em que nos encontravamos e que nos poderia fazer cair á agua.

Por mim digo, que seguia o doutor com a anciedade com que se segue um acrobata, quando trabalha n'um arame, a grande altura.

Um passo em falso podia-lhe custar a vida e morrer de uma morte tão horrorosa, que nem quero pensar...

Pois esse passo deu-o elle, meu Deus!...



A CASA SUBMARINA, CAP. XIV

... tirou a faca da bainha e cortou o tentaculo...

Vejo-o agora tambem como n'aquella occasião!

O doutor resvalando, agarrando-se anciosamente ás saliencias da rocha, o tentaculo que surgiu rapido das aguas e o colheu por uma perna, e logo em seguida o meu revólver apontado á cabeça do monstro e disparado cinco vezes.

Ouviram-se na caverna os gritos de homens aterrados; o fumo das descargas envolvia tudo a ponto de não nos vermos uns aos outros; a agitação e o salpicar da agua, tornava ainda mais terrível a scena a que se misturava o panico que acompanha um individuo prestes a morrer.

Não havia duvida que o polvo tinha colhido o doutor com um dos seus tentaculos e que o arrastaria até mettê-lo no estomago.

Nunca mais se verá uma lucta como aquella. D'uma parte um homem valente agarrando-se ás rochas com as mãos e com os pés, até lhe ficarem lá pedaços da pelle; do outro, o phantastico monstro, tentando alcançar a presa

com outros tentaculos para o arrastar até á sua enorme bocca que se conservava aberta, prompta a tragal-o.

Só um milagre poderia salvar o nosso amigo, e esse milagre realisou-se, felizmente.

Um gesto rapido, sereno e audacioso do doutor, bastou para cortar e deixar livre a perna agarrada.

Foi assombroso, aquillo!

Que outro homem, seria capaz de se soltar das rochas, quando isso significava cair em poder do inimigo?

Pois o doutor assim fez.

Voltou-se rapidamente, tirou a sua faca da bainha e cortou o tentaculo com a mesma facilidade com que cortaria um cordel, e o animal voltou a esconder-se no fundo do charco manchado de sangue.

Tenho ainda na memoria a maneira como perguntei a Duncan Gray, se o animal lhe tinha feito algum ferimento, e elle responder-me alegremente:

— Pouca coisa, capitão, pouca coisa.

Depois, continuou a caminhar e nós quatro o seguimos, brancos como cal e com uma excitação nervosa que nos fazia bater o coração apressadamente.

Contudo, passámos perfeitamente, e já sem receio, pela borda do abysmo.

As balas que enviára ao polvo, tinham-no morto e a agua da lagôa tornára á sua tranquillidade.

Não pude vêr o rasto do animal quando passei pela borda do charco, e Seth Barker, que foi o ultimo a passar e que já tinha esquecido o primitivo terror, assestou a lanterna para reconhecer a superficie das aguas e nada pôde descobrir.

O doutor coxeando por causa da sua ferida na perna, disse simplesmente:

— Bravo, amigos, bravo!

E tirando a lanterna das mãos de Seth Barker, deitou a andar lentamente.

— Nem toda a gente tem na porta trazera uma sentinella como esta — proseguiu o doutor á medida que andava.

— E' possível que Edmundo Czerny não saiba o guarda-costas que tem, terei de lh'o dizer quando o veja. Não tardará muito que isso succeda, o que me dará bastante prazer.

— E a nós tambem, doutor — disse eu. — Mas que grande susto nos pregou! O coração dava-me saltos como um cabrito.

— Pois não é assim que se deve ter o coração quando se está ás portas da casa de Edmundo Czerny.

Deteve-se um momento pedindo-me que escutasse.

Achavamo-nos então no espaço maior da galeria, e a luz d'uma lampada collocada pela parte de cima, revelava-nos que havia ali uma escada de ferro communicando com um alçapão de tampa de madeira.

O mar sentia-o eu bater furiosamente contra os rochedos.

Mas assim como ouvia o rugir do mar, ouvia igualmente vozes humanas vindas do pavimento superior.

— Bem — disse o doutor tranquillamente. — Chegamos á casa submarina, e agora Deus sabe quando poderemos sair d'ella.

Mal acabou de pronunciar estas palavras, soltou um grito de dôr e caiu no chão sem sentidos.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

NOTAS LYRICAS

S. Carlos

Reprise da *Aida* com Judice da Costa e tenor De Tura — A *Traviata* para estreia de Rosina Storchio — A opera nova *Hansel e Gretel* de Humperdinck — O barytono Nani — Colyseu dos Recreios.

Mais uma edição da *Aida* tivemos no nosso theatro, d'esta vez com a notavel cantora portugueza Judice da Costa. Esta illustre artista cantou o seu papel, dando-lhe todo o collorido dramático; salientando-se na aria do primeiro acto e no duetto do 2.º. Foi applaudida com a maxima justiça.

O tenor De Tura, conhece bem a opera, como provou na aria *celeste Aida* em que foi applaudido.

A passagem pelo nosso theatro da notavel cantora Rosina Storchio é um verdadeiro acontecimento artistico! Já ha muito tempo seguimos pelos jornaes e revistas, a sua carreira artistica sempre cheia de applausos nos principaes theatros do mundo, a sua vinda agora a S. Carlos honra a empresa, que nos proporcionou ouvirmos uma artista d'esta categoria! Foi na opera *Traviata* que fez a sua estreia.

Storchio reúne voz agradável, e bello methodo de canto. Grande artista sabe detalhar a phrase de uma maneira admiravel, traduzindo a acção dramática de um modo notavel. Todo o 2.º acto e a scena da morte empolgaram a platéa que lhe fez grandes ovações.

O tenor Carpi foi sempre o cantor que sabe usar da voz com maestria, e os applausos que recebeu, confirmaram o apreço que tem perante o publico de S. Carlos!

Nani, cantou bellamente a sua parte, sendo applaudido com justiça.

Foi uma noite, como raras vezes vemos em S. Carlos.

A opera nova, para Portugal, *Hansel e Gretel* de Humperdinck, que a empresa nos deu agora, possui uma linda musica e que traduz o assumpto que não passa d'um ingenuo canto para crianças.

Por isso tem pouca theatralidade, mas a forma como está orchestrada é de tal maneira bella, de tal forma delicada, que vemos em Humperdinck um compositor de talento que necessita ser estudado e considerado. Esta opera tem corrido toda a Europa e America, e na propria Italia

Real Teatro de S. Carlos



O BARYTONO NANI

onde a musica allemã é sempre recebida friamente, tem sido acolhida com applausos.

O publico do nosso S. Carlos recebeu a friamente e até com risos e pateada; mas devemos notar que Humperdinck está muito acima da *sabedoria* do nosso publico, e se elle chegasse a saber, Deus queira que não, que lhe tinham pateado a sua opera, faria um triste juizo dos

nossos *entendedores*! Não é necessario gostar, mas receber a opera com risos, nas scenas mais delicadas, e patear nos fins dos actos, denota do publico em geral, uma profunda ignorancia e uma falta de educação bem clara! Mas os *paesinhos* abundam no nosso meio social, e é tempo perdido remar contra a maré!

As sr.ªs Morinis, cantaram a primôr os seus papeis, revelando conhecerem bem a opera.

Mantelli cantou bem o seu pequeno papel, assim como Rossi, que agradou.

Hotkowska foi uma *Bruxa* magnifica, cantando e representando com distincção.

A sr.ª Favi, sempre artista correctea e segura.

Orchestra discreta.

Ao publicarmos hoje o retrato do barytono Nani, prestamos-lhe homenagem ao seu talento. Nani occupa hoje em Italia um lugar distincto, não só como cantor, mas pela sua fina educação.

Tanto o anno passado como esta época, Nani tem recebido da critica os mais rasgados encomios. Ainda ha pouco no Egypto, onde cantou a par de celebridades, Nani foi alvo dos maiores applausos. Ha dias, sendo convidado para ir cantar no Colyseu dos Recreios no sarau a favor dos inundados, quando terminou o Prologo da opera *Palhaços*, recebeu dos milhares de pessoas que enchiam o theatro uma enorme ovação! Artista de magnifica voz, Nani tem um brilhante futuro, pois que é um cantor de grande repertorio.

Colyseu dos Recreios

Com a opera *Tosca*, despediu-se do publico a companhia infantil que cantou n'este theatro grande numero de operas e operetas com grandes applausos.

No sabbado de alleluia teremos opera *lyrica*, é caso de darmos os parabens ao publico de Lisboa, e agradecimentos ao nosso amigo sr. commendador Antonio Santos.

A. PINTO (SACAVEM).

Carlos era tão avarento que até no leito da morte se recusava a dar o ultimo suspiro.

Collegio Francês * Instituto primario e secundario

Autorisado por Alvará Regio de 25 de Julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto instalado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviã-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)

EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPE DA FONSECA JUNIOR

Numero telephonico 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences para todos os serviços

RUA DE S. BENTO, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

23 a 173 francos por semana, podem ganhar, senhoras, homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida — A. I. Horton — 56 — Rue Garvès — Grand Montrouge (Seine) France.

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis